



Ilustração: Luiz Fernando Priomo

**André Capilé\***

não há que soprar nem madeiras  
nem metais se orquestra a virilha  
tecido teu mantô à mobília aferra  
a cachimanha de dígitos arrola se  
o caldo entorna a uva azeda e que  
perfume na suã seu cosmético? que  
lábua mostra ofício diário? a torcida  
me orgulha carrego no peito o escudo  
do mergulho quê me iliba se  
na despedida ária de bestas des  
penteadas no escuro não conciliam?  
noturna cultivo pesadelos  
bu!

não tenho o concerto  
que a vida macumba.

talvez a fissura –  
que me corre os dedos

e se soma ao paladar –  
resolva a velha medida.

sem bons bisturis;  
bem, como angular?

como sondar, sem a febre,  
os ossos médios dos pés?

osso mais osso, arranca  
do rascunho um corpo.

fixa o balanço e lambe  
o bico. dedos de embalo,

o risco da sinistra. despoja  
e encurva a pose, a anca arisca.

lá de fora a cutilada insiste  
a tudo que canta ao cansaço,

uma canção brega pacaralho.  
corta de esquelha, o desenho

– luz no vapor, trinca de espelho –  
limpo na tela. pensa o anúncio, o peso.

pés comicham, tensos. avança:  
como arremedar fuligem, com

qual arremate asfaltar nuvens?

\*Doutorando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-RJ; mestre em Estudos Literários pela PUC-RJ; graduado em Filosofia pela UFJF